

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

**(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina**

**(Homo)orientalism: sexual epistemologies and discourse production about the sexual-racial “Other” in Palestine**

**(Homo)orientalisme: épistémologies sexuelles et production de discours sur “l’Autre” sexuel-racial en Palestine**

**(Homo)orientalismo: epistemologías sexuales y producción de discursos sobre el “Otro” sexual-racial en Palestina**

Bruno Alexandre Reis Costa  
Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra-FEUC  
brunoarcq@gmail.com

**Resumo:** Tomando como referência a análise crítica e genealógica de Michel Foucault (1994) procuro compreender as mutações dos discursos associados a práticas sexuais em contexto colonial e de que modo esses discursos são parte de um “biopoder”, que hierarquiza e organiza a vida social. O contexto de análise centra-se no território palestino como lugar de circulação de discursos modernos que viajam de representações sobre o carácter homossexual do palestino a discursos sobre o seu carácter homofóbico, sempre com o intuito de construir uma separação abissal (Santos, 2009), entre um “Nós” civilizado e saudável e um “Outro” selvagem e patológico.

**Palavras-chave:** biopoder, homossexualidade, orientalismo, Palestina.

**Abstract:** Taking as reference frame the critical and genealogical analysis of Michel Foucault (1994) I try to understand the discourse mutations associated with sexual practices in a colonial context and how these discourses are part of a “biopower”, that hierarchizes and organizes social life. The context of analysis focuses on the Palestinian Territories as a place of circulation of modern discourses, that travel from representations about the homosexual character of the Palestinians to discourses about their homophobic character, always with the aim of building an abyssal separation (Santos, 2009), between a civilized and healthy “Us” and a savage and pathological “Other”.

**Keywords:** biopower, homosexuality, orientalism, Palestine.

**Résumé:** Prenant comme référence l’analyse critique et généalogique de Michel Foucault (1994), je cherche à comprendre les mutations des discours associées aux pratiques sexuelles dans un contexte colonial et de quelle façon ces discours participe d’un “biopouvoir”, qui hiérarchise et organise la vie sociale. Le contexte de l’analyse se concentre sur les territoires palestiniens comme lieu de circulation des discours modernes qui oscillent entre des représentations sur le caractère homosexuel du palestinien aux discours sur leur caractère homophobe, toujours dans l’optique de construire une séparation abyssale (Santos, 2009), entre un “Nous” civilisé et sain et un “Autre” sauvage et pathologique.

**Mots clés:** biopouvoir, homosexualité, orientalisme, Palestine.

**Resumen:** Tomando como referencia el análisis crítico y genealógico de Michel Foucault (1994), trato de comprender las mutaciones en los discursos asociados con prácticas sexuales en un contexto colonial y cómo estos discursos son parte de un “biopoder”, que jerarquiza y organiza la vida social. El contexto de análisis se centra en el territorio palestino como un lugar para la circulación de discursos modernos que viajan desde representaciones sobre el carácter homosexual de los palestinos a discursos sobre su carácter homofóbico, siempre con el objetivo de construir una separación abisal (Santos, 2009), entre un “Nosotros” civilizado y sano y un “Otro” salvaje y patológico.

**Palabras clave:** biopoder, homossexualidad, orientalismo, Palestina.

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

## 1. Introdução

Desde o encontro, ou contacto<sup>1</sup>, entre as nações europeias e outros territórios (coloniais ou não, como no caso do Império Otomano) que discursos sobre um “Outro” racializado emergiram? Esses discursos foram associados quer às características físicas dos indivíduos, quer aos seus desejos e práticas eróticas, quer às práticas culturais das sociedades, quer ao impacte de fatores externos (como o clima) nestes indivíduos e sociedades. O que os viajantes, ou agentes dos impérios europeus, viam, ou imaginavam, teria então de ser traduzido para um quadro analítico e taxonómico pensado em contexto europeu, para sociedades europeias. Estes agentes do Ocidente apresentavam-se como estando numa posição neutral quando observavam outros lugares e, por isso mesmo, os quadros analíticos desenvolvidos num contexto local (Europa) apresentavam-se como universais e pretendiam ter uma dimensão universal. As suas leituras não pretendiam apenas compreender o observado, mas legitimar uma história encerrada.

Este trabalho procura criticar os discursos a-históricos produzidos nesse encontro e, de alguma forma, reproduzidos desde então. Discursos que naturalizam o Médio Oriente em geral e a Palestina em particular, como espaços e produtores de subjetividades cristalizadas como libidinais ou reprimidas, sendo que essas subjetividades são sempre produzidas como algo estagnado, num perpétuo estado de doença e corrupção, ou seja, como patologias. Para o fazer, tomo como referência a análise crítica e genealógica de Michel Foucault (1994) sobre o discurso moderno. Em um primeiro momento, procuro compreender como a categoria de homossexualidade é criada no espaço europeu a partir dos discursos e do conhecimento médico e jurídico, que são tecnologias criadas com o propósito de organizar a sociedade em torno de determinados comportamentos ditos normativos. Em um segundo momento, apresento como estes discursos e conhecimento devem também a sua formulação, no contexto europeu, ao encontro com práticas eróticas e manifestações de desejo observadas em outros lugares, ou seja, são influenciadas pelo contato com o “Outro” colonial.

Neste ponto, o trabalho de Edward Said (2004) será fundamental para compreender a interdependência entre o Ocidente e o Oriente, no que à produção e

---

<sup>1</sup> *I use this term to refer to social spaces where cultures meet, clash, and grapple with each other, often in contexts of highly asymmetrical relations of power, such as colonialism, slavery, or their aftermaths as they are lived out in many parts of the world today* (Pratt, 1991: 34).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

reprodução ontológica e epistemológica diz respeito. O Oriente, como um espaço que se encontra, para os exploradores europeus, entre a ameaça e o desejo, servirá como uma espécie de contraponto na construção do que é ser europeu e da definição, tanto de práticas normativas, como de patologias. Mas, se Said ainda privilegia uma visão heteroerótica sobre esse encontro (entre Ocidente e Oriente) e os discursos a ele associados, os trabalhos de Rudi Bleys (1993) e Joseph Allen Boone (1995) serão fundamentais para perceber que os desejos e práticas eróticas consideradas pouco saudáveis no Ocidente, são consideradas naturais do Oriente, lugar de subjetividades perversas e libidinais, ou mesmo geografia patológica, onde a homossexualidade e a pederastia são práticas endémicas.

Na segunda secção deste artigo, e a partir da análise teórica que a precede, será visitado o espaço da Palestina pré-1948 e pós-2000. Estes dois períodos serão o centro dos dois principais capítulos deste trabalho, porque marcam diferentes leituras sobre o “Outro” sexual-racial. Na análise da era pré-1948, procuro analisar o processo de reabilitação do corpo físico e social do judeu, pelo movimento sionista, e de que modo essa reabilitação se associa ao abandono de um corpo patologizado (o corpo orientalizado pelo antissemita) e à apropriação de uma imagética ligada ao corpo ocidental moderno, visto como saudável, vigoroso e masculinizado. Quanto à era pós-2000, pretendo entender como a integração instrumental de subjetividades homossexuais no Ocidente serve de base a um novo tipo de construção do “Outro” sexual-racial, já não como subjetividade desviante em relação a comportamentos sexuais normativos, mas como homofóbico patológico, adverso à diversidade democrática.

Este trabalho tem como objetivo, por um lado, compreender como os discursos/conhecimento sobre a raça, associados a determinadas práticas sexuais, sofreram alterações tão profundas, na transição do século XX para o século XXI. Por outro, procura demonstrar que os discursos/conhecimento sobre sexualidade no Ocidente e Norte-Global tiveram (e têm) propósitos coloniais, imperialistas e universalizantes, sejam eles territoriais, económicos, políticos ou epistemológicos. Nesse sentido, este trabalho pretende expandir o corpo teórico que aborda as questões da produção e reprodução ontológica e epistemológica ao campo dos estudos pós-coloniais e da sexualidade e demonstrar que o impacto do encontro colonial não se limita ao espaço e

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

subjetividades colonizadas e orientalizadas, mas tem profundas repercussões no espaço e nas subjetividades europeias e ocidentais.

## 2. Metodologia: Genealogia, Sexualidade e Biopoder

Metodologicamente, tenho como suporte a análise crítica e genealógica que Michel Foucault desenvolve no texto *Nietzsche, a genealogia e a história* (1998) e explora na *História da Sexualidade – I: A Vontade de Saber* (1994), à qual recorro para compreender como os discursos/conhecimento sobre sexualidade, desenvolvidos na Europa dos séculos XVIII e XIX, estão inscritos em relações de saber-poder e são parte de um “biopoder” que, mais do que limitar a sua difusão, tem como objetivo a organização da vida. A partir desta análise, ser-me-á possível avançar o argumento de Foucault e questionar relatos que estagnam e naturalizam subjetividades, comunidades e comportamentos num contexto não-Europeu, e as relações de saber-poder no contato entre a Europa e outros territórios.

Segundo o autor (Foucault, 1998), um método genealógico propõe questionar leituras metafísicas da história. São essas leituras, que procuram na origem dos acontecimentos uma verdade impoluta, ou uma essência, que Foucault procura problematizar, propondo três modos para o fazer: 1) a dissociação, que em alternativa a procurar na origem uma verdade supra-histórica e eterna, trabalha acontecimentos múltiplos e heterogêneos; 2) a paródia, que perturba as realidades aceites e estanques e permite a libertação de potências criativas; 3) a disrupção da subjetividade de conhecimento e da verdade, que questiona, simultaneamente, a verdade do que se conhece e quem a conhece. É possível dizer que, a partir deste método crítico, são abertas possibilidades de vida no presente, desmistificando a unidade na origem em prol de uma disputa que gera caos, ao mesmo tempo que se questiona quem fala, a partir de que ponto de vista e a partir de onde se fala –de onde se produz e difunde conhecimento e o que é invisibilizado e deixado do lado de fora, como não-conhecimento ou como silêncio.

O que Foucault faz, é aquilo a que Walter Benjamin se referiu como “escovar a história a contrapelo” (2017: 13), ou seja, não se limitar a uma busca pela origem ou por uma verdade que está acima da história, não olhar para a história como uma linha de progresso que avança isolada em direção ao futuro e que não assume a existência de uma multiplicidade e de descontinuidades. Pelo contrário, Foucault procura desestabilizar a

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

história, abrindo espaços-tempos e possibilidades, ou como refere Benjamin, abrindo “a porta estreita por onde pod[e] entrar o Messias” (2017: 20). É a partir desta perspectiva que Foucault questiona aquilo a que ele chama de “hipótese repressiva”<sup>2</sup>, abrindo possibilidades para uma nova leitura dos discursos/conhecimento produzidos sobre a sexualidade. É também essa perspectiva que me abrirá possibilidade para questionar os discursos/conhecimento sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina.

Foucault (1994), na sua leitura histórico-genealógica sobre sexualidade, rejeita a hipótese de que as sociedades europeias do século XIX inauguraram uma época de repressão sexual, onde muito pouco poderia ser dito, e refere que, na prática, foi precisamente nesse período que se propagaram os discursos sobre sexualidade e se multiplicaram categorias para especificar práticas e desejos sexuais. Para o autor, a difusão dos discursos sobre sexualidade, entre os séculos XVIII e XIX, não tinha como único propósito reprimir as práticas sexuais e confiná-las ao espaço doméstico, mas que, pelo contrário, a sociedade burguesa europeia do século XIX procurou institucionalizar a sexualidade e categorizá-la: “O sexo é simultaneamente acesso à vida do corpo e à vida da espécie. As pessoas servem-se dele como matriz das disciplinas e como princípio das regulações” (Foucault, 1994: 148). Uma “verdade” sobre o sexo, ou os discursos e o conhecimento médico e jurídico desenvolvido em torno da sexualidade, serviam o propósito de organizar a sociedade em torno de determinados comportamentos, suportados por instituições religiosas, jurídicas, médicas e pedagógicas, como uma espécie de policiamento/controle do sexo, que o gere em nome da felicidade pública. Faziam parte de um “biopoder”: “Tal poder tem que qualificar, que medir, que apreciar, que hierarquizar, mais do que manifestar-se no seu esplendor assassino; não tem que traçar a linha que separa dos súbditos obedientes, os inimigos do soberano; opera distribuições em torno da norma” (Foucault, 1994: 146).

Nesse sentido, o autor (Foucault, 1994) refere que, principalmente a partir do século XIX, as práticas sexuais consideradas normativas deixam de ser discutidas, tornam-se mais silenciosas, e as subjetividades incluídas nos discursos sobre sexualidade,

---

<sup>2</sup> *Todos estes elementos negativos –proibições, recusas, censuras, denegações–, que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, não passam, sem dúvida, de peças que têm um papel local e tático a desempenhar numa discursificação, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a eles* (Foucault, 1994: 17-18).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

aquelas que despertam o interesse das referidas instituições e que são incentivadas a se confessarem são, em contrapartida, o homossexual, o louco, o criminoso e a criança. Assim, a história do surgimento da homossexualidade<sup>3</sup> é, na realidade, uma história sobre a construção de subjetividades, enunciados de verdade e relações de poder, ou seja, a homossexualidade como categoria é fruto de um campo de forças, saberes e relações de poder que definem a sua existência. Refiro-me aqui a uma construção de uma “verdade” sobre subjetividades. Essa “verdade” é formulada em torno de um conjunto de ações esperadas em torno dessas subjetividades, às quais podemos chamar de normalização. A homossexualidade surge como uma periferia patológica dessa normalidade e, como tal, serve como referência negativa que determina uma subjetividade normativa. Neste contexto, a normatividade é conseguida, por um lado, a partir de uma autocensura por parte de subjetividades, que controlam os seus impulsos libidinais, e por outro, através de uma domesticação externa, por parte de instituições médicas e psiquiátricas.

Em suma, a norma é determinada a partir dos seus “Outros”, das suas alteridades, das suas diferenças rejeitadas, mas identificadas e categorizadas. Se, antes, a sodomia era um relapso que podia ser punido com a morte, o homossexual surge como uma espécie que deve ser administrada pela culpa, pelo medo e por instituições especializadas na “verdade” sobre o sexo, de modo a organizar, maximizar e potenciar a vida. É parte daquilo a que Foucault (1994) chamou de “biopolítica”: uma tecnologia de poder centrada na população como problema económico e político. Os seus pilares centrais, em redor dos quais a organização do poder sobre a vida era desenvolvida, são: a regulação da população e o disciplinamento do corpo.

Na senda de Foucault, Jonathan Katz (1995) especifica que também a heterossexualidade monogâmica, como norma, é uma consequência da construção periférica de aberrações e perversões sexuais, ou seja, que a homossexualidade, de uma determinada forma, “inventou” como categoria a heterossexualidade, a relação binária homo-hetero e suas hierarquias. Mas, tanto Katz (1995) como Foucault (1994) articulam questões em torno dos discursos/conhecimento sobre sexualidade, de modo a identificarem a produção de subjetividades dentro de um contexto europeu/ocidental de

---

<sup>3</sup> Não se deve esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica, médica, da homossexualidade se constituiu desde o momento em que a caracterizaram –o famoso artigo de Westphal, em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode valer como data de nascimento (Foucault, 1994: 47).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

relações de saber-poder. Eles fazem-no de forma assumida e a pretensão dos seus trabalhos não é identificar, como já referi, uma origem, mas sim como se desenvolvem essas relações de saber-poder e a sua articulação com práticas discursivas e não-discursivas. Foucault (1994), por exemplo, refere especificamente que a sexualidade é originalmente uma “invenção” burguesa que produz efeitos de classe específicos, ou seja, que as práticas tidas como normativas são parte de uma sexualidade especificamente burguesa.

Este é o meu ponto de partida, já que, como refere Rudi Bleys (1993), esta burguesia se definiu, não apenas num processo de tensão e disputa com outras classes no espaço europeu, mas também a partir do seu contato com o “Outro” colonial, que lhe serviu como anti-modelo, como alteridade radical que ajudou a determinar uma identidade especificamente burguesa. É neste nó, neste encontro entre epistemologias sexuais e epistemologias raciais que pretendo trabalhar. Sendo ainda importante referir que não procuro a origem de uma categoria, mas compreender como essa categoria é também parte e produto da produção de subjetividades fora da Europa e como esse encontro com o “Outro” colonial contribuiu para a produção de subjetividades no continente Europeu.

### **3. Orientalismo e as Geografias do Desejo**

Edward Said, na sua obra seminal *Orientalismo* (2004), parte do trabalho de Michel Foucault para compreender as relações de saber-poder no encontro colonial. Neste trabalho, o autor mostra como o Oriente foi criado como um “Outro”, como uma alteridade radical, que “ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) como contraposição à sua imagem, como ideia, personalidade e experiência contrárias à sua” (Said, 2004: 2). Tal como fez Foucault, o autor palestiano questionou-se sobre quem produz os discursos sobre o Oriente e partir de onde o faz. Foi a partir destas questões que Said identificou a circulação de discursos/conhecimento sobre um Oriente idealizado e estanque, produzidos por viajantes e agentes da Europa e do Ocidente, num quadro de hegemonia cultural. É a partir desses discursos/conhecimento que é desenvolvida uma relação de poder e domínio e é a partir desta hegemonia cultural que essa relação de poder se solidifica e se estende no tempo.

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

Dentro desta narrativa ocidental sobre o Oriente, de que nos fala Said, Joseph Allen Boone (1995) identifica as questões da sexualidade como centrais. O autor refere que em nenhum outro lugar os visitantes e agentes ocidentais falaram tanto, e tão abertamente, dessas questões como nesta geografia. Patrick Haddad (2017) refere até que os discursos sobre o desejo e práticas eróticas antecedem as duas modernidades e podem ser localizados na era pré-colonial, desde a chamada Reconquista Cristã. Neste sentido, um Oriente “eterno”, ocupou e ocupa um lugar ambivalente no imaginário coletivo ocidental. Said (2004) refere que esse lugar se encontra entre o desejo e a ameaça, e que o Oriente sugere “não apenas fecundidade, mas promessa (e ameaça) sexual, sensualidade inesgotável, desejo ilimitado [e] profundas energias generativas” (2004: 220). Assim, a fantasia e exotismo de um Oriente descrito como “lugar onde se podia procurar experiências sexuais impossível de se obter na Europa” (Said, 2004: 223), parece espelhar uma censura imposta na “Europa Vitoriana”. Mas, segundo Boone (1995), esse desejo e essa liberdade, projetadas no Oriente, parecem querer-nos dizer outra coisa. Enquanto Said (2004) apresenta um quadro heteroerótico, onde o domínio de um Ocidente masculinizado se sobrepõe a um Oriente feminino, que é penetrado pela superioridade do seu ocupante, Boone (1995) complexifica esse quadro e apresenta o “fantasma” de um desejo homoerótico a assombrar o Ocidente, um desejo supostamente endêmico no Oriente e com potencialidades de contaminação, ameaçando uma suposta essência heterossexual e normativa da subjetividade masculina ocidental.

No mesmo sentido, Rudi Bleys (1993) releva a preocupação ocidental em domesticar a sexualidade dentro de um quadro de relações de saber-poder. O autor refere que as políticas e os juízos ocidentais sobre as práticas eróticas de um “Outro” colonial estão intimamente ligadas a um domínio político, suportado por ideias sobre a sua sexualidade patológica. Deste modo, Bleys destaca a interdependência entre as ideias de hierarquia civilizacional –onde, a partir do século XVIII, a complexidade cultural era reduzida ao nível da anatomia e, mais tarde, da psicologia da inferioridade racial –e os discursos sobre a sexualidade. A cristalização do Oriente como lugar perverso, fruto do encontro colonial, estava assim relacionada com a consolidação de um poder burguês na Europa e com a promoção de um código de respeitabilidade, uma normalidade justificada em termos científicos. Neste contexto, as raças consideradas inferiores eram catalogadas

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

em hierarquias de anormalidade, como significações num processo de patologização dos marginais dentro do contexto europeu.

Para Bleys (1993), o discurso sobre sexualidade marcou uma diferença entre o Ocidente e populações consideradas inferiores. Esta generalização, baseada em “verdades” de cunho supostamente científico, acompanhou o projeto positivista de uma história natural da humanidade, que justificava a “missão civilizadora” dos Estados europeus. Segundo este modelo, qualquer comportamento desviante do Ocidente poderia ser diagnosticado como tal, a partir de uma comparação com as raças vistas como inferiores. A relação entre perversão sexual e inferioridade racial funcionava como um círculo fechado e, se os “Outros” coloniais eram sexualmente pervertidos, e a homossexualidade era supostamente endémica entre eles, então ela serviria como categoria patológica que ajudaria a definir, por um lado, uma normalidade heterossexual e, por outro, uma superioridade racial, contribuindo para a disseminação de discursos sobre respeitabilidade no Ocidente e estigmatizando a infantilidade de um “Outro” sexual-racial.

#### **4. Masculinidade Normativa e o “Outro” Sexual-Racial**

As perguntas por mim colocadas, de modo a compreender a relação entre os discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina e o projeto hegemónico sionista, são as mesmas de Foucault (1994) e Said (2004): Quem fala? O que diz? A partir de onde o diz? Apenas assim é possível compreender as relações de saber-poder presentes neste contexto e ler a sua evolução no espaço e no tempo.

Como tal, é essencial ler e compreender o pensamento sionista e de que modo ele projeta uma nova subjetividade judaica, na sua relação com uma alteridade fragmentada, entre o judeu do exílio e a sua outra face, o palestino. Com esse objetivo irei visitar o trabalho intelectual desenvolvido, no final do século XIX, por dois dos pais do movimento sionista, Theodor Herzl e Max Simon Nordau.

Em 1892, Max Nordau, médico e ativista, popularizou o conceito médico de “degeneração”, num livro com o mesmo nome, *Entartung*<sup>4</sup>. George L. Mosse, em *Nationalism and Sexuality: Middle-Class Morality and Sexual Norms in Modern Europe*

---

<sup>4</sup> A obra *Entartung* (1892) foi consultada na sua tradução para inglês, *Degeneration* (Nordau, 1968). *Entartung* e *Degeneration* são, respetivamente, as palavras em alemão e inglês para “Degeneração”.

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

(1985), explica como Nordau utiliza o conceito de degeneração para distinguir entre o normal –as virtudes burguesas relacionadas com o progresso– e o anormal –os vícios que potenciam a extinção do indivíduo, da família e da comunidade nacional. Tal como descrito por Foucault (1994), Nordau relaciona a legitimidade dos desejos com uma norma social e considera quaisquer desejos contrários a essa norma, imorais e repulsivos. O pensamento de Nordau está relacionado com aquilo a que Benedict Anderson se referiu como o estabelecimento de uma “comunidade imaginada” (2012) e da relação entre essa comunidade supostamente homogénea e os seus forasteiros.

Em *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity* (1998), Mosse insiste que, sem a presença visível desse forasteiro, a sociedade dificilmente consegue projetar uma imagem de força e estabilidade. E, se o papel desse “Outro”, forasteiro ou apátrida, dentro do espaço europeu, pertencia tradicionalmente aos judeus e aos ciganos, a partir da transição do século XIX para o século XX, aqueles que não cumpriam um “tipo ideal” de masculinidade –os que eram considerados afeminados e geralmente classificados como homossexuais ou doentes– também começaram a fazer parte desse grupo de excluídos. O autor vê esta mudança como uma consequência do pensamento de Nordau e dos seus seguidores. Mosse (1998) refere que, a partir do final do século XIX, a homossexualidade deixa de estar apenas relacionada com os atos sexuais *per se* e se torna um problema/patologia relacionado com distúrbios psicológicos, com a aparência física e com a estrutura do corpo. Estes elementos levam o autor a articular os conceitos de “degeneração” e “masculinidade” com as epistemologias raciais europeias. Neste sentido, e como já foi referido, o degenerado sexual era associado às raças inferiores, acusadas de apresentarem a mesma falta de moralidade e autodisciplina: “Blacks, and then Jews, were endowed with excessive sexuality, with a so-called female sensuousness that transformed love into lust. They lacked all manliness. Jews as a group were said to exhibit female traits, just as homosexuals were generally considered effeminate. [...] Abnormality then could be interpreted in medical terms as well as those of race” (Mosse, 1985: 36).

Neste ponto em particular, Nordau e Herzl partilhavam o mesmo ideal de masculinidade dos judeus assimilacionistas<sup>5</sup>, que pretendiam uma integração total nos

---

<sup>5</sup> Theodor Herzl, antes de ter escrito o manifesto *The Jewish State* (2011), em 1896, foi partidário da assimilação dos judeus ao Cristianismo. Apenas três anos antes da publicação do manifesto, em 1893, Herzl escreveu: *About two years ago I wanted to solve the Jewish Question, at least in Austria, with the help of*

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

seus países de origem, a partir da conversão religiosa e do abandono de qualquer traço cultural que os pudesse identificar com o judaísmo. Como refere Mosse (1985, 1998) é com o intuito de anular as características atribuídas pelo antissemita ao judeu, que Nordau propõe a reabilitação social e corporal do judeu no Segundo Congresso Sionista, organizado em 1898. Como subjetividade antitética do *Ostjude* –um degenerado urbano, pálido e frágil– Nordau via no *Muskeljude*, ou judeu muscular, a única possibilidade de recuperar a dignidade e grandiosidade dos judeus, concebidos pelo movimento sionista como um “povo”, unido por características étnicas, culturais, linguísticas e religiosas. A partir do conceito de *Muskeljude*, Nordau lançou as bases daquilo que conhecemos como o “novo judeu”, um “tipo ideal” de judeu que contrastava com a imagem de degeneração do judeu do exílio, que tanto preocupava o médico sionista. Este “novo judeu” era portador de uma masculinidade normativa, na sua postura, na sua composição física e como figura capaz de empreender trabalho físico e produtivo, contribuindo para o avanço da sociedade. É esta conceção do “novo judeu”, como sujeito masculinizado e muscular, que está no centro da ideologia sionista, como projeto que assimila os judeus à cultura e modo de ser europeus e como projeto colonial que representa “a rampart of Europe against Asia, an outpost of civilization as opposed to barbarism” (Herzl, 2011: 46).

Ella Shohat, numa entrevista concedida a Manuela Boatcă e Sérgio Costa, fala desta europeização/ocidentalização do judeu pelo movimento sionista e da sua transformação e assimilação na cultura europeia da mesma época: “[the new jew] would often be blond, blue-eyed, or at least light skinned, and of course never graced with the stereotypical hooked nose. This de-semitization took place within the logic of Western hegemony somewhat like the case of the Aryanization of Christ in European painting” (Shohat *apud* Boatcă e Costa, 2013). Este novo corpo social e físico, delineado pelo movimento sionista, seria idealmente reabilitado num novo lugar, a Palestina. Mosse (1998) fala dos *kibbutzim*, cooperativas/colonatos agrícolas, estabelecidos na Palestina, desde o início do século XX, como espaços onde essa reabilitação aconteceria. Estes lugares permitiram, por um lado, ocupar território e, por outro, construir as bases de uma nova sociedade e de um novo homem. Para além destes “espaços de normalização”, a

---

*the Catholic Church. I wished to gain access to the Pope [...] and say to him: Help us against the anti-Semites and I will start a great movement for the free and honorable conversion of Jews to Christianity* (*apud* Boyarin, 2000: 239).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

masculinização do “novo judeu” foi feita a partir da apropriação de símbolos do território. Joseph Massad, em *The “Post-Colonial” Colony: Time, Space and Bodies in Palestine/Israel* (2000), revela que o “novo judeu” foi nomeado de *Sabra* –palavra árabe para nomear um cato que cresce na região do Mediterrâneo– “roubando” o nome à terra que teria de “penetrar” e “fertilizar”. Os sionistas descreviam a Palestina como uma “terra virgem” –algo presente na máxima, “a land without a people, for a people without a land” –, um corpo ligado a um projeto sexual e reprodutivo, que o colonizador atlético teria de fazer brotar. Se o território era símbolo de desejo<sup>6</sup>, o palestino simbolizava não apenas a ameaça, mas o inimigo, o “Outro” que permite ao “novo judeu” projetar a sua imagem de força e a estabilidade de uma nova sociedade idealizada pelo movimento sionista e, a partir de 1948, do Estado de Israel<sup>7</sup>.

Neste contexto, e durante os anos em que a Palestina estava sob administração britânica (1920-1948), o palestino é projetado como “Outro” sexual-racial pela imprensa sionista, o que reflete a influência da política colonial britânica e europeia, por um lado, na difusão de uma “verdade” em relação ao sexo e em relação a uma hierarquia civilizacional e, por outro, na construção de uma identidade sionista. Em *British Colonialism and the Criminalization of Homosexuality* (2018), Enze Han e Joseph O’Mahoney explicam como a legislação ainda vigente em algumas ex-colônias britânicas é uma consequência dos códigos penais coloniais, elaborados pelos legisladores do império durante os séculos XIX e XX: “From 1860 onwards, the British Empire spread a specific set of legal codes and common law throughout its colonies [specifically criminalizing] male-to-male sexual relations” (Han e O’Mahoney, 2018: 3). Como referem os autores, o Império Britânico receava que os seus soldados e administradores coloniais sucumbissem a práticas homossexuais nestas “decadent, hot surroundings” [...]

---

<sup>6</sup> Golda Meir, Primeira-Ministra de Israel entre 1969 e 1974, refere-se ao território como “a noiva” e ao palestino como símbolo de fragilidade, castrado por Israel: *I thank God every night that the bridegroom was so weak, and the bride could be taken away from him* (apud Massad, 2000: 332).

<sup>7</sup> É importante referir que o Estado de Israel foi estabelecido apenas em 1948 e que, até esse ano, todo o território era conhecido como Palestina. Como refere Sammy Smooha (2008), esse território, a partir de 1948 –e como consequência daquilo que ficou conhecido como a “Guerra da Independência” para os israelitas e como *Nakba*, ou “Catástrofe” para os palestinos– passou a estar dividido entre Israel e Palestina –sendo que a Palestina ficou separada entre o território da Cisjordânia (administrada pela Jordânia entre 1948 e 1967) e a Faixa de Gaza (administrada pelo Egito entre 1948 e 1967).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 n° 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

protecting the Christians from “corruption” as well as correcting and Christianizing “native custom” (Han e O’Mahoney, 2018: 4).

A Palestina, como território pertencente ao Império Otomano até 1917, tinha o mesmo Código Penal, que não criminalizava atos sexuais consentidos. Han e O’Mahoney (2018) referem que apenas com a administração britânica –consequência do Mandato<sup>8</sup>, atribuído ao Reino Unido pela Liga das Nações após a Primeira Guerra Mundial– os atos homossexuais consentidos passariam a ser considerados crime<sup>9</sup>. É relevante destacar ainda que, após 1948, parte do território passou a ser administrado pelo recém-criado Estado de Israel, que revogou a lei britânica de 1936 apenas em 1988 (Han e O’Mahoney, 2018). Já a Cisjordânia, que passou a ser administrada pelo Jordânia a partir de 1948, adotou o seu Código Penal, que revogou a mesma lei britânica em 1951 (Human Rights Watch, 2018). Se antes sublinhei a proximidade entre o discurso sobre sexualidade e as políticas europeias e sionistas, partindo destes dados podemos também questionar a ideia, hoje difundida<sup>10</sup>, de que Israel sempre se assumiu como uma referência da região, no que à defesa da diversidade e liberdade sexual diz respeito. Este tema será tratado no último capítulo do artigo.

Começarei então por apresentar a coincidência entre as visões ocidentais e sionistas sobre degeneração moral, a partir do texto “*An oriental vice*”: *Representations of sodomy in early Zionist discourse* (2017), onde Ofri Ilany faz uma recolha de material produzido pela imprensa sionista<sup>11</sup> e outras fontes, entre os anos 20 e os anos 50 do século XX, sobre práticas homossexuais. A partir destas fontes é possível compreender uma lógica (homo)orientalista –que associa as perversões ao contexto, ao clima e ao caráter supostamente patológico das subjetividades não-ocidentais, consideradas inimigas do

<sup>8</sup> Este Mandato incluía controlo militar, político, legal e administrativo (Han e O’Mahoney, 2018).

<sup>9</sup> O novo Código Penal foi instituído em 1936, por Sir Michael McDonnell, Presidente do Supremo Tribunal da Palestina e a sua secção 152(2), que se refere a ofensas sexuais não-naturais, diz: *Any person who: a) has carnal knowledge of any person against the order of nature; or b) has carnal knowledge of an animal; or c) permits a male person to have carnal knowledge of him or her against the order of nature, is guilty of a felony, and is liable to imprisonment for ten years* (Autoridade Britânica, 1936)

<sup>10</sup> O auge de uma narrativa que apresenta Israel como paraíso da diversidade sexual alcançou o seu esplendor em 2019, com a organização do festival da Eurovisão: *the unabashed celebrations of sexual diversity, which has become one of the main hallmarks of Eurovision in recente decades –and one of the areas in which Israel has left an indelible mark*» (Shalev, 2019).

<sup>11</sup> Os periódicos consultados pelo autor foram o *Davar*, publicação oficial da Central dos Trabalhadores Judaicos na Palestina (*Histadrut*) e pertencente à ala socialista do movimento sionista, e o *Iton Meyuchad*, um tabloide mais conservador, fundado em 1933 (Ilany, 2017).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o "Outro" sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

projeto sionista e da protonação judaica. Ou seja, são estabelecidos vínculo entre sexualidade, etnia e nacionalidade, num discurso que insiste, em linha com o pensamento dos líderes do *Yishuv*<sup>12</sup>, na separação entre as comunidades judaica e palestina –pelo medo de contaminação através do contato com subjetividades orientais e com ambientes hostis, que poderiam causar uma degeneração psíquica e cultural.

O medo de contaminação/“levantinização” está presente nos relatos de uma imprensa que reflete o pensamento político e as visões morais da liderança do movimento sionista<sup>13</sup>. Os artigos que, quanto a mim, merecem maior destaque foram publicados pelo jornal *Iton Meyuchad*. Um primeiro relato fala do suicídio de um jovem polícia judeu, Mordechai Schwartz, ocorrido em 1938: “But from a Jewish policeman, who because of the equality enforced here on the sons of Europe and the sons of the Desert, became not merely witness but even the victim of such abuse, we cannot demand this sacrifice. And after that suicide they had forgotten their lesson and sent officer Mordechai Schwartz to sleep every night in the tent with officer Mustafa Khouri, against whom we have heard there were complaints of “sodomitic acts” during his service” (*apud* Ilany, 2017: 110-111). Neste excerto, o contato forçado entre “os filhos da Europa” e os “filhos do deserto” é apresentado como a causa do suicídio, visto que o puro e moral “filho da Europa” foi contaminado pelos desejos sexuais promíscuos do bárbaro “filho do deserto”. Outro relato importante foi publicado em 1934 e descreve o “submundo de Telavive”, mais concretamente Jaffa, a zona palestina da cidade: “In the orient these types are more prevalent, and it is a well-known fact one does not have to search them out in our land. It suffices to take a little stroll down Jaffa’s alleyways and its coffee houses. He whose eyes are open will notice these fancy boys making love publicly for all to see” (*Iton Meyuchad apud* Ilany, 2017: 114).

A naturalização da homossexualidade como um fenómeno típico do Oriente, e como algo endémico na sociedade palestina e/ou oriental, está ainda presente em textos

<sup>12</sup> Comunidade sionista que vivia na Palestina antes do estabelecimento do Estado de Israel.

<sup>13</sup> Ze’ev Jabotinsky, a principal figura da ala revisionista do movimento sionista, afirma, em 1926: *Jews, thank God, have nothing in common with the East. We must put an end to any trace of the Oriental spirit in the [native] Jews of Palestine* (*apud* Massad, 1996: 55). Da mesma forma, David Ben-Gurion, nos primeiros anos após o estabelecimento do Estado de Israel, também assume o desconforto causado pelo contato com a sociedade local e com os judeus recém-chegados do Magrebe e do Médio Oriente: *We do not want Israelis to become Arabs. We are in duty bound to fight against the spirit of the Levant, which corrupts individuals and societies, and preserve the authentic Jewish values*» (*apud* Massad, 1996: 57).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

científicos, publicados entre os anos 40 e os anos 50, na Palestina e em Israel. Ilany (2017) destaca três trabalhos: *Youth Neglect*, publicado em 1947, pelo pedagogo e criminologista Carl Frankenstein, que descrevia algumas cidades palestinas (especialmente Nablus) como lugares onde os crimes sexuais (incluindo contato sexual entre homens) eram recorrentes, graças ao caráter oriental dos desejos dessas subjetividades. O autor estabelece ainda uma relação causa-efeito entre o clima e as práticas sexuais; *The Bedouins – Their Origins, Lives and Customs*, publicado em 1957, pelo Dr. Tuvia Ashkenazi, que descrevia a sexualidade das sociedades beduínas da Palestina como excessiva, prematura e de tendência homossexual; e *The Enemies of Youth*, um livro publicado em 1950, por M. Seidman, que descrevia o Oriente como lugar onde as relações sexuais entre homens e a prostituição masculina eram práticas comuns.

Os relatos da imprensa sionista e algumas análises validadas por um discurso científico, marcam um claro distanciamento em relação à sociedade palestina no período pré-Estado e nos primeiros anos após o estabelecimento do Estado de Israel. Difundem uma imagem daquilo que pode acontecer se os judeus se deixarem corromper e “levantinizar” e qual o resultado do declínio moral das sociedades. A partir desta lógica, procuram estabelecer uma identidade judaica reabilitada, branca, ocidentalizada, normativa, saudável e moralmente superior, com práticas sexuais normativas, numa continuação daquele que era o discurso europeu, no que aos conceitos de modernidade e civilização diz respeito. Os discursos/conhecimento sobre sexualidade eram parte de uma epistemologia racial que impunha, como especificam Baruch Kimmerling (1983) e Gershon Shafir (1989), uma divisão política, económica, laboral e territorial. Esta divisão entre judeus e palestinos, incentivada e/ou imposta pelas lideranças sionistas e baseada no conceito de hierarquia civilizacional levou, desde o início do século XX, a uma progressiva segregação da sociedade palestina, num discurso que justificou (e justifica) a administração do seu território por Israel. Essa mesma hierarquia civilizacional ajudou inicialmente a invisibilizar e, mais tarde, a justificar a ocupação de território e a expulsão de cerca de 750 000 palestinos entre 1947 e 1949, período que ficou conhecido como *Nakba*, ou “Catástrofe”.

Não estamos perante um quadro eterno e cristalizado de masculinidade judaica e homossexualidade/fragilidade palestina, mas perante discursos hegemónicos que, ao construir o palestino como “Outro” sexual-racial, permitem organizar e maximizar

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

as vidas judaicas, ao mesmo tempo que deixam os corpos palestinos à mercê da eliminação, “imunizando” (Esposito, 2018), desta forma, território e população.

## 5. Homossexualidade Normativa e o “Outro” Sexual-Racial

Entre o final do século XX e o início do século XXI, assiste-se a uma gradual inversão de papéis. Até ao final do século XX, a dicotomia é feita entre uma homossexualidade poligâmica orientalizada, com vínculos a uma representação homoerótica e promiscua das subjetividades palestinas (e da região do Médio Oriente em geral), e uma heterossexualidade monogâmica saudável e não-erotizada das subjetividades judaico-sionistas (e do Ocidente em geral). Na transição para o século XXI, a dicotomia começa a ser feita entre uma homossexualidade normativa branca e ocidentalizada e uma homofobia patológica de subjetividades palestinas.

Esta mudança está relacionada com a apropriação positiva, por parte de subjetividades homossexuais, de uma categoria construída como patologia. Como referi anteriormente, categorias como homossexualidade são formadas a partir da construção de uma “verdade” sobre as coisas, neste caso, sobre o sexo. Essa “verdade” tem o propósito de produzir subjetividades normalizadas e enquadradas socialmente, dentro de um quadro de relações de saber-poder. Neste particular, Foucault (1994) questiona-se sobre a potencialidade de uma super-significação do sexo como ato de resistência, concluindo que, essa pretensa resistência apenas reproduz a mesma economia dos discursos da qual se quer libertar. Podemos dizer que, no caso das identidades *gay* e *lésbica*, uma apropriação e identificação positivas podem favorecer o reconhecimento de direitos, mas esse reconhecimento será sempre dentro de um quadro de relações de saber-poder que excluiu a homossexualidade como alteridade e patologia, ou seja, essa identificação poderá limitar um questionamento sobre as razões da exclusão e, de alguma forma, potenciar a sua reprodução.

John D’Emilio, em *Capitalism and Gay Identity* (1993), diz-nos que essa identificação com a categoria de homossexualidade pode ser localizada nos EUA e na Europa ocidental e que é produto do desenvolvimento histórico do capitalismo e do seu sistema de relações. Mais especificamente, o sistema de livre trabalho terá permitido, na segunda metade do século XX, uma identificação de subjetividades com uma categoria que funciona como significante para uma comunidade de organização política. D’Emilio

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o "Outro" sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

(1993) conecta também a formação de identidades *gay* e lésbica, nos EUA, com a ebulição em torno dos direitos sexuais no final dos anos 60, apresentando os Motins de Stonewall, em Nova Iorque (1969), como o evento político de referência.

Esta identificação com uma categoria determinada a partir de fora, teve, desde o início, o potencial de reproduzir as mesmas relações de saber-poder que produziram a exclusão do homossexual, como subjetividade sexual perversa. Lisa Duggan, em *The Twilight of Equality? Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy* (2003), articula precisamente esta preocupação. A autora refere que os anos 90 são uma era de rutura em termos de abordagem aos direitos políticos, por parte deste grupo identitário. Duggan (1993) refere que, de uma estratégia baseada em direitos civis, que reivindicava o direito à diferença e que formulava uma crítica ao sistema capitalista e à estrutura familiar de base heterossexual –como reprodutora do capital e do Estado-nação de base patriarcal– os movimentos *gay* e lésbico começaram a desmobilizar-se e a assumir uma postura profissionalizada e, de certa forma, corporativa. Em vez de se organizarem como movimentos sociais, começam a incluir uma retórica neoliberal e passam a adotar um modelo organizativo do tipo empresarial, contando com o apoio do poder central e das elites ricas, como estratégia de integração no sistema de relações de poder e suas instituições reprodutoras (como o exército e o casamento). A autora nomeia esta nova fase como homonormativa: “a politics that does not contest dominant heteronormative assumptions and institutions, but upholds and sustains them, while promising the possibility of a demobilizing gay constituency and a privatized, depoliticized gay culture anchored in domesticity and consumption [and redefining] gay equality against the “civil rights agenda” and “liberationism”, as access to the institutions of domestic privacy, the “free” market, and patriotism” (Duggan, 2003: 50-51).

No caso de Israel, os discursos/conhecimento sobre sexualidade, como demonstrei, sempre estiveram ligados a uma desejada integração no Ocidente, e no caso da integração de subjetividades *gays* e lésbicas, o caminho traçado foi semelhante. Como refere Ilany (2017), na transição do século XX para o século XXI<sup>14</sup>, a homossexualidade deixava de ser considerada um “vício oriental” e passava a ser identificada com um discurso ligado aos direitos humanos, difundido a partir do Ocidente. O autor, no

---

<sup>14</sup> Por exemplo, até 1993, o exército israelita considerava os homossexuais uma ameaça à segurança da instituição (Ilany, 2017).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

seguimento de Jasbir Puar (2007), fala de uma homossexualidade branca e “americanizada”, que colocava Israel, mais uma vez, na linha da frente, como bastião da modernidade ocidental num Médio Oriente bárbaro, e agora, homofóbico. Puar (2007) refere que os discursos hegemónicos sobre terrorismo, que dominaram a esfera pública no pós-11 de setembro de 2001, e que impuseram uma nova divisão abissal entre civilizações “imaginadas”, restituíram também, e de modo instrumental, a cidadania nacional a algumas pessoas *gays* e *lésbicas*. A inclusão destas subjetividades, como patriotas e nacionalistas, resultou da estratégia de luta apontada por Duggan (2003) e ancorada na exacerbação de um “Outro” árabe-muçulmano, como alteridade radical. Uma inclusão assente em epistemologias raciais, que reproduz outros sexuais-raciais, agora de uma outra forma. Estas epistemologias funcionam como uma espécie de senso comum, presente nos discursos mediáticos<sup>15</sup> –que naturalizam os palestinianos como homofóbicos patológicos e Israel como a “Mecca” da liberdade e da diversidade sexual, ocultando as relações de poder subjacentes a esses discursos– e, como afirma Puar (2010), na campanha governamental lançada em 2005 –ano em que termina a Segunda Intifada e é lançado o movimento social pelo Boicote, Desinvestimento e Sanções a Israel (BDS)– com o nome *Brand Israel*. Esta campanha promove Israel como destino *gay* e *lésbico* e procura expandir a imagem do país como “única democracia do Médio Oriente”. Ao mesmo tempo, tem como finalidade legitimar, aos olhos da comunidade internacional, crimes contra a humanidade cometidos contra os palestinianos e justificar a expansão do seu território como única garantia da segurança e bem-estar de subjetividades *gays* e *lésbicas* palestinianas. Este discurso oculta a impossibilidade dessas subjetividades não poderem pedir asilo político em Israel, ou seja, que estão excluídas desse território, como todas as subjetividades palestinianas (The Knesset, 1954 e 2003).

É possível afirmar que a representação de um “Outro” sexual-racial, como o palestiniano homofóbico patológico, essencializa de duas formas uma subjetividade

---

<sup>15</sup> Um exemplo representativo destes discursos pode ser encontrado no *Forward*, um portal de notícias estado-unidense que tem como público-alvo a comunidade judaica dos EUA: *Al-Fatiha –which calls itself the principal international organization promoting the rights of lesbian, gay, bisexual and transgender Arabs– is located not in Beirut or Cairo, but in Washington, D.C. And no wonder: The international movement for the rights of lesbian, gay, bisexual and transgender people hardly exists inside the Muslim world [...] In fact, the only country in the Middle East in which gay people may safely leave the closet is Israel. Which is why, for gay Palestinians, Tel Aviv is Mecca* (Peratis, 2006).

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

colonizada: por um lado, procura perpetuar uma representação orientalizado do “Outro” palestino como bárbaro, não-civilizado, não-moderno, antidemocrata e violador dos direitos humanos e, por outro, constrói um discurso de resgate de subjetividades *gays* e lésbicas, que pretende impor uma visão do mundo pretensamente universal em qualquer geografia<sup>16</sup>. Categorias binárias como homo-hetero, ou dicotomias civilizacionais entre Ocidente e Oriente, são apenas fronteiras impostas a partir de fora, que nunca produzirão liberdade e servirão apenas como instrumentos usados por Estados, dentro das suas fronteiras ou dentro do sistema internacional, para identificar, vigiar, domesticar, hierarquizar, legislar, punir e excluir determinadas subjetividades e/ou sociedades inteiras, controlando os seus desejos sexuais e decidindo quais as práticas ajustadas a uma sociabilidade saudável e quais as práticas passíveis de serem criminalizadas. Para a produção de subjetividades normativas existe sempre a necessidade de produzir “Outros”, não aceites pela sua diferença real ou imaginada, e a esses “Outros” é apenas permitido o potencial para serem o mesmo, ou seja, para se normalizarem, ou então ser-lhes-á reservada a “exclusão abissal” (Santos, 2009), que é também a exclusão radical da diferença. É esta produção de “Outros”, dentro de um quadro de relações de saber-poder, que permite justificar um pretense “avanço da civilização” ou, simplesmente, processos de ocupação territorial e limpeza étnica.

## 6. Conclusão

Este artigo surge a partir de uma inquietação, gerada pelos discursos simplistas – o artigo de Kathleen Peratis (2006) citado em cima é apenas um desses exemplos<sup>17</sup> – que

---

<sup>16</sup> Como já foi referido, tanto a sexualidade, como as categorias de homossexualidade e heterossexualidade, são produções especificamente europeias e/ou ocidentais, que foram desenvolvidas nesse contexto e fruto das relações de saber-poder que encontramos nesse espaço-tempo geográfico. Tais categorias e discursos chegaram a outros lugares através do encontro colonial e num quadro de hegemonia cultura do Ocidente. Por exemplo, Khaled El-Rouayheb, em *Before Homosexuality in the Arab-Islamic World, 1500-1800* (2009), refere que a construção de identidades relacionadas com o desejo e as práticas eróticas não se esgotam nas categorias ocidentais (e consequentemente, locais) de homossexualidade e heterossexualidade. O autor diz que, somente entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a visão sobre estes temas mudou no mundo árabe-islâmico, graças à adoção da postura e das conceções trazidas pela “Europa Vitoriana” colonial.

<sup>17</sup> Para dar outro exemplo, chamo a atenção para o artigo escrito por Alina Dain Sharon, para a plataforma de notícias CJN, a 2 de julho de 2013, do qual apresento um excerto: «*Israel is an oasis in an otherwise barren Middle East for LGBT rights. A number of Palestinian LGBT individuals who experience*

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

apresentam um “Outro” palestino como subjetividade estática, alheia a complexidades e contradições, e a sociedade de que ele faz parte como homogênea. É ainda evidente que o trabalho não abarca todas as complexidades e a heterogeneidade de atores envolvidos num processo de colonização, que tem o seu momento marcante no ano de 1948 –falo, por exemplo, das diferentes correntes dentro do movimento sionista ou das diferentes visões políticas para uma Palestina livre. A intenção foi aprofundar e expandir a análise de Michel Foucault (1994), centrando-me na relação entre sexualidade e colonialismo e procurando expandir este campo de estudos.

Desta forma, questionei-me sobre a produção de discursos sobre um “Outro” sexual-racial e de que forma eles estão intimamente ligados a relações de saber-poder e a uma hegemonia cultural que o Ocidente procura impor ao “resto do mundo”, de modo a, por um lado, potenciar subjetividades normalizadas e, por outro, invisibilizar uma multiplicidade de conhecimentos que poderiam relegar o Ocidente ao seu caráter local e pôr em causa o seu pretensão universalismo. É importante referir que esta hegemonia cultural do Ocidente ajuda também a justificar a sua intervenção (seja ela política, económica ou militar) em territórios soberanos, de modo a levar aquilo a que chamou de “missão civilizadora”, agora transformada em “missão democrática” ou “ajuda humanitária”.

No caso israelita, esses discursos foram (e são) usados para justificar, por um lado, a ocupação de território palestino e, por outro, a “exclusão abissal” (Santos, 2009) de uma população palestina desumanizada. Foi importante perceber como o movimento sionista se apropriou, de certa forma, de um discurso antissemita como complexo para reabilitar a subjetividade judaica e a aproximar, de forma sistemática, a um ideal normativo, branco e ocidental. Para o fazer projetou, tanto na figura homogeneizada do judeu do exílio (um judeu visto como degenerado), como na figura do palestino, uma alteridade radical, que representava a oposição total do “novo judeu”. Esta construção, que apresenta o palestino como “Outro” sexual-racial, teve (e tem) o Ocidente como referência e a sua visão positivista e linear da história como inspiração.

Apenas compreendendo esta viagem dos discursos e da produção de subjetividades no Ocidente e na sua relação com outros lugares, é possível compreender

---

*persecution seek asylum in Tel Aviv, a city that hosts an annual gay pride parade that attracts more than 100 000 people, and was voted “Best of Gay Cities 2011” in an American Airlines survey (Sharon, 2013).*

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o “Outro” sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 n° 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

a interdependência entre epistemologias raciais e sexuais. O caso sionista é fundamental, neste particular, porque demonstra como uma reabilitação conseguida dentro de um quadro de relações hegemónicas de saber-poder, que produz exclusões e patologias –falo da reabilitação do judeu e do seu percurso de subjetividade orientalizada, a subjetividade ocidentalizada–, tem o potencial de as reproduzir de outra forma. O último capítulo chama a atenção para esta contradição, agora no que diz respeito a uma identidade homossexual. A apropriação positiva de uma categoria (de qualquer categoria) produzida como resultado de uma produção de subjetividades normativas, potencia os mesmos processos de categorização, periferização e exclusão, algo evidenciado na imagem do palestino como homofóbico patológico. Assim, o problema central são as tecnologias de poder e o sistema de relações de saber-poder que produzem uma normatividade a partir de periferias e, dentro do qual, elas se reproduzem, seja como violência, seja como resistência.

Para terminar, relevo o potencial deste campo de investigação, que se abre com novos processos relativos àquilo que Lisa Duggan (2003) define como “homonormatividade”. A progressiva institucionalização de uma homossexualidade normativa e tudo o que isso pode representar, nomeadamente a identificação de um grupo identitário, que foi produzido como “Outro”, com uma narrativa exclusivista e racializada do Estado-nação. Como resposta a estes processos, uma perturbação e recusa do normativo e de qualquer categoria produzida dentro de um quadro de relações hegemónicas de saber-poder –que seria também a recusa de um sistema de categorização e uma fuga em direção à diferença e ao caos– poderia começar pela perturbação do próprio conceito de Estado-nação, que se constrói e se encerra a partir da construção de “Outros” e que, no seu limite, abre as portas a uma multiplicidade baseada na abolição da diferença e da pluralidade de experiências e práticas discursivas e não-discursivas.

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o "Outro" sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

### **Bibliografia:**

ANDERSON, Benedict (2012), *Comunidades Imaginadas*, traduzido por Catarina Mira, Lisboa, Edições 70 [Edição original, 1983].

AUTORIDADE BRITÂNICA (1936), "Criminal Code Bill, 1936", *The Palestine Gazette*, no. 633, pp. 973-1067.

BENJAMIN, Walter (2017), *O Anjo da História*, traduzido por João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim.

BLEYS, Rudi (1993), "Homosexual Exile: The Textuality of the Imaginary Paradise, 1800-1980", *Journal of Homosexuality*, vol. 25, n. 1-2, pp. 165-182.

BOATCĂ, Manuela; COSTA, Sérgio (2013), "Bodies and Borders: An Interview with Ella Shohat", *Jadaliyya* [consulta em 03.01.2020]. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/29824/Bodies-and-Borders-An-Interview-with-Ella-Shohat>.

BOONE, Joseph Allen (1995), "Vacation Cruises; Or, the Homoerotics of Orientalism", *PMLA*, vol. 110, n. 1, pp. 89-107.

BOYARIN, Daniel (2000), "The Colonial Drag: Zionism, Gender, and Mimicry" in Fawzia Afzal-Khan e Kalpana Seshadri (org.), *The Pre-occupation of Postcolonial Studies*, Durham, Duke University Press, pp. 234-265.

D'EMILIO, John (1993), "Capitalism and Gay Identity" in Henry Abelove, Michèle Aina Barale, e David M. Halperin (org.), *The Lesbian and Gay Studies Reader*, Londres, Routledge, pp. 467-476.

DUGGAN, Lisa (2003), *The Twilight of Equality? Neoliberalism, Cultural Politics, and the Attack on Democracy*, Boston, Beacon Press.

EL-ROUAYHEB, Khaled (2009), *Before Homosexuality in the Arab-Islamic World, 1500-1800*, Chicago, University of Chicago Press.

ESPOSITO, Roberto (2018), *Bios: biopolítica e filosofia*, traduzido por M. Freitas da Costa, Lisboa, Edições 70 [Edição original, 2004].

FOUCAULT, Michel (1994), *História da Sexualidade - I: A Vontade de Saber*, traduzido por Pedro Tamen, Lisboa, Relógio D'Água Editores [Edição original, 1976].

FOUCAULT, Michel (1998), "Nietzsche, a genealogia e a história" in Roberto Machado (org. e trad.), *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Edições Graal, pp. 15-37 [Edição original, 1971].

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o "Outro" sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

HADDAD, Patrick (2017), "Occidental Gender Trouble and the Creation of the Oriental Sodomite", *Khol: A Journal for Body and Gender Research*, vol. 3, n. 2, pp. 184–195.

HAN, Enze; O'MAHONEY, Joseph P. A. (2018), *British Colonialism and the Criminalization of Homosexuality: Queens, Crime and Empire*, Londres, Routledge.

HERZL, Theodor (2011), *The Jewish State*, Kansas, Digireads.com [Edição original, 1896].

HUMAN RIGHTS WATCH; ARAB FOUNDATION FOR FREEDOMS AND EQUALITY (2018), *Audacity in adversity: LGBT activism in the Middle East and North Africa*, Nova Iorque, Human Rights Watch.

ILANY, Ofri (2017), "'An Oriental Vice': Representations of Sodomy in Early Zionist Discourse" in Achim Rohde, Christina von Braun, e Stefanie Schüler-Springorum (org.), *National Politics and Sexuality in Transregional Perspective: The Homophobic Argument*, Londres, Routledge, pp. 107–120.

KATZ, Jonathan (1995), *The Invention of Heterosexuality*, Nova Iorque, Dutton.

KIMMERLING, Baruch (1983), *Zionism and Territory: The Socio-territorial Dimensions of Zionist Politics*, Berkeley, University of California.

MASSAD, Joseph (2000), "The 'Post-Colonial' Colony: Time, Space, and Bodies in Palestine/Israel" in Fawzia Afzal-Khan e Kalpana Seshadri (org.), *The Pre-occupation of Postcolonial Studies*, Durham, Duke University Press, pp. 311–343.

MASSAD, Joseph (1996), "Zionism's Internal Others: Israel and the Oriental Jews", *Journal of Palestine Studies*, vol. 25, n. 4, pp. 53–68.

MOSSE, George L. (1985), *Nationalism and Sexuality: Middle-Class Morality and Sexual Norms in Modern Europe*, Madison, University of Wisconsin Press.

MOSSE, George L. (1998), *The Image of Man: The Creation of Modern Masculinity*, Nova Iorque, Oxford University Press.

NORDAU, Max Simon (1968), *Degeneration*, traduzido por George L. Mosse, Nova Iorque, Howard Fertig [Edição original, 1892].

PERATIS, Kathleen (2006), "For Gay Palestinians, Tel Aviv Is Mecca", *The Forward* [consulta em 28.12.2019]. Disponível em: <https://forward.com/opinion/1125/for-gay-palestinians-tel-aviv-is-mecca/>.

PRATT, Mary Louise (1991), "Arts of the Contact Zone", *Profession*, pp. 33–40.

Bruno Alexandre Reis Costa - *(Homo)orientalismo: epistemologias sexuais e produção de discursos sobre o "Outro" sexual-racial na Palestina*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 10 nº 1. 2020. 240-263. DOI: 10.21747/0871164X/hist10\_1a12

PUAR, Jasbir (2007), *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*, Durham, Duke University Press.

PUAR, Jasbir (2010), "Israel's gay propaganda war", *The Guardian* [consulta em 05.01.2020]. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/commentisfree/2010/jul/01/israels-gay-propaganda-war>.

SAID, Edward W. (2004), *Orientalismo*, traduzido por Pedro Serra, Lisboa, Cotovia [Edição original, 1978].

SANTOS, Boaventura de Sousa (2009), "Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes" in Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (org.), *Epistemologias do Sul*, Coimbra, Almedina, pp. 23-71.

SHAFIR, Gershon (1989), *Land, Labor, and the Origins of the Israeli-Palestinian Conflict, 1882-1914*, Cambridge, Cambridge University Press.

SHALEV, Chemi (2019), "The Agony and the Ecstasy of Israel's Eurovision Extravaganza", *Haaretz* [consulta em 10.01.2020]. Disponível em:

<https://www.haaretz.com/israel-news/eurovision/.premium-the-agony-and-the-ecstasy-of-israel-s-eurovision-extravaganza-1.7256091>.

SHARON, Alina Dain (2013), "Israel, despite divided attitudes on LGBT rights, beats arab countries by a mile", *CJN* [consulta em 25.01.2020]. Disponível em:

<https://www.cjnews.com/news/israel/israel-despite-divided-attitudes-lgbt-rights-beats-arab-countries-mile>

SMOOHA, Sammy (2008), "The Mass Immigrations to Israel: A Comparison of the Failure of the Mizrahi Immigrants of the 1950s with the Success of the Russian Immigrants of the 1990s", *Journal of Israeli History*, vol. 27, n. 1, pp. 1-27.

THE KNESSET (1954), *Refugee Law and Policy: Israel*, [Consulta em 14.01.2020]. Disponível em: [https://www.loc.gov/law/help/refugee-law/israel.php#\\_ftn38](https://www.loc.gov/law/help/refugee-law/israel.php#_ftn38).

THE KNESSET (2003), *The Citizenship and Entry into Israel Law*, [Consulta em 14.01.2020]. Disponível em:

[https://www.knesset.gov.il/laws/special/eng/citizenship\\_law.htm](https://www.knesset.gov.il/laws/special/eng/citizenship_law.htm).